

BOULOS, G. *De que lado você está?* Reflexões sobre a conjuntura política e urbana no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2015

Carlos Zacarias de Sena Júnior¹

O dirigente do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST), Guilherme Boulos, tem sido uma figura fácil na mídia brasileira dos últimos anos. Quem pesquisa seu nome no Google encontra milhares de referências que remetem a sua figura polêmica. Há entradas de toda espécie: declarações dadas à imprensa, participação em manifestações e debates, processos jurídicos aos quais que responde, comentários de desafetos. Não faltam referências para quem quiser conhecer o membro da Coordenação Nacional do MTST. Notabilizado a partir das ocupações promovidas pelos sem-teto de São Paulo em 2014, ano da Copa do Mundo no Brasil, Boulos é uma figura de destaque na esquerda brasileira e seus escritos políticos de conjuntura tem sido importantes veículos de propagação das posições políticas de uma parte importante dos movimentos sociais no Brasil.

Guilherme Boulos tem muito a dizer nessa conjuntura conturbada, não há dúvidas. Em meados de 2014, se tornou colunista semanal da *Folha de São Paulo*, privilégio de uns poucos intelectuais de esquerda. *De que lado você está? Reflexões sobre a conjuntura política e urbana no Brasil*, seu primeiro livro, é uma compilação de 42 artigos publicados entre junho de 2014 e abril de 2015, além de três inéditos. Através de seus textos curtos, próprios das colunas de jornais, pode-se percorrer a movimentada cena política do país do lulismo. Também é possível ter uma visão panorâmica das lutas que tiveram lugar no Brasil desde as já famosas *Jornadas de Junho*, em 2013, bem como da sucessão

¹ Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

presidencial em 2014, com a polarização PT *versus* PSDB, a ofensiva conservadora, as polêmicas ao redor do *impeachment* e o ajuste fiscal.

Contando com um posfácio de André Singer, *De que lado você está?* é dividido em três partes com sugestivos títulos que pretendem expressar as principais contendas em que o autor se envolveu (“Barril de pólvora”, “Estopins” e “Artilharia”). O livro tem artigos bastante importantes, alguns deles de grande repercussão nos meios da esquerda e com milhares de compartilhamentos nas redes sociais, como “A Copa das tropas” (p. 26-27), “O neoliberalismo saiu do armário” (p. 74-76), “Eles venceram outra vez” (p. 79-81), “Onda conservadora” (p. 82-84) e “Sugestões para o ministério de Dilma” (p. 94-96). Pelos textos, pode-se ter uma visão das posições assumidas por Boulos frente a diferentes temas e, principalmente, ante o governo da presidente Dilma sobre o qual expressa uma posição de apoio crítico e expectativas que, quase sempre, são frustradas.

O livro de Boulos tem qualidades. A primeira delas diz respeito aos significados de se ter um porta voz de bandeiras populares num grande veículo de imprensa. Também à quantidade de dados e a qualidade dos argumentos que arrola em diversos artigos para defender causas, defenestrar adversários, acusar inimigos, se constituem em matéria de prazer para quem lê o livro e conhece seu estilo sóbrio, enxuto e objetivo de dizer as coisas. Sobre o primeiro ponto, na parte intitulada “Barril de pólvora”, em que dedica a maior parte dos textos a tratar da questão urbana e do déficit de moradias em São Paulo e no Brasil, Boulos desfila números para comprovar o quão insustentável é a situação de um país cuja principal cidade, São Paulo, tem 700 mil famílias sem teto, 1,3 milhões de pessoas vivendo em favelas e 2,5 milhões de moradores em loteamentos irregulares (“A batalha do Plano Diretor”, p. 20-21). Ainda em “Barril de pólvora” Boulos denuncia as invasões de “colarinho branco” (“Quem são mesmo os invasores?”, p. 34-35). Cita dados da CPI das áreas públicas, que aponta um prejuízo de 600 milhões de reais para o erário, dando nome aos bois e relacionando os principais invasores, como clubes recreativos, o Clube de Oficiais da PM e o Clube Círculo Militar de São Paulo, além de shoppings centers, bancos como o Bradesco, entre outras entidades conhecidas pelo conservadorismo e pela defesa a propriedade privada.

Se a primeira parte do livro de Boulos é uma boa promessa do que vem adiante, o leitor não se decepciona quando adentra na seção seguinte, intitulada “Estopins”. Nesta seção estão parte dos melhores e mais ácidos artigos de Boulos publicados na *Folha*, como os citados “O neoliberalismo saiu do armário”, “Eles venceram outra vez”, “Onda conservadora”. Além destes, constam também os não menos famosos “Corruptos e corruptores” (p. 71-72) e “Eles venceram outra vez” (p. 79-80), em que aponta o financiamento privado das campanhas eleitorais como responsável direto pela corrupção no país, “Quem tem medo do general” (p. 77-78), em que sugere que o general Enzo Peri “determinou a prevaricação aos seus subordinados” quando os proibiu de darem informações a Comissão Nacional da Verdade (CNV) no que tange aos crimes da ditadura, e “Robin Hood às avessas” (p. 97-98), onde aponta que a “velha cantilena do arrocho neoliberal volta a ganhar força no governo petista, com Joaquim [Levy] Mãos-de-Tesoura à frente da equipe econômica”.

Na terceira e última parte do livro, denominada “Artilharia”, Boulos separa os artigos em que utilizou suas armas mais pesadas para atacar adversários e inimigos da grande imprensa e de outros setores, como o Gilmar Mendes, ministro do STF, a quem chama de “bravateiro de notória ousadia” e acusa de ser afinado com o PSDB e ter uma trajetória “repleta de ligações políticas e partidárias” (“Gilmar Mendes e o bolivarianismo”, p. 126-127).² Sobre o blogueiro reacionário e colunista da *Veja*, Reinaldo Azevedo, que nos últimos tempos dedica imenso tempo a responder a Boulos, o líder do MTST defenestra com irônica saudade de uma direita que já teve Roberto Campos e José Guilherme Merquior entre seus quadros: “Naquele tempo, a direita recorria a argumentos além do porrete. Hoje restou apenas o porrete, aplicado a esmo, sem maiores requintes de análise” (“Reinaldo Azevedo e a direita delirante”, p. 123-125).

A coletânea de artigos contida em *De que lado você está?* é matéria de interesse de acadêmicos e estudiosos dos movimentos sociais, dos partidos e organizações de esquerda, haja vista que o livro passa a ser uma importante fonte para se ter uma visão de conjunto sobre o que elaborava uma parte da

² A propósito deste artigo, o ministro Gilmar Mendes abriu um processo por danos morais contra Guilherme Boulos (ver Revista Fórum, 2015).

esquerda sobre o período. Também é de grande interesse para os militantes e ativistas dos movimentos sociais e das organizações de esquerda, pois ainda que se trate de artigos que tenham a intenção de morrer ao fim do dia, como dizia Antonio Gramsci acerca dos seus artigos jornalísticos, são textos de um dirigente importante de um movimento expressivo como o MTST que pretende incidir pela esquerda num governo que vai cada vez mais à direita. Justamente por conta disso, Guilherme Boulos não é alvo apenas dos reacionários da direita, mas também dos companheiros da esquerda que apontam suas limitações que são, também, as limitações do movimento que dirige.

Em vista do engrandecimento da liderança intelectual e política de Guilherme Boulos nos meios da esquerda, e devido à importância do MTST na presente conjuntura, não deixa de se notar um relativo silêncio nos seus artigos no que se refere às greves de várias categorias, especialmente dos servidores públicos. Também há poucas referências à questão agrária no Brasil e ao fato de que os últimos governos quase não tocaram no latifúndio, levando a reforma agrária a uma total paralisia. Não é que os temas não surjam num ou noutro artigo, mas quando aparecem, são trazidos de maneira tímida, muito embora sejam tão explosivos quanto algumas das outras questões superlativizadas pelo dirigente do MTST no seu livro.

Mas há ainda uma outra questão que parece incomodar ainda mais e que aparece de maneira nítida no livro, que é o fato de que Boulos deposita imensa expectativa no governo, e usa excessos de adjetivos para os adversários de direita: fascistas, golpistas, elites etc. Não se pode discordar que haja tudo isso no lado da aliança PSDB/DEM e movimentos de direita recentemente surgidos, mas não se pode poupar adjetivos quando se fala de um governo que levou um banqueiro, uma latifundiária e um grande empresário da indústria para o ministério. É verdade que Guilherme Boulos denuncia a virada à direita do segundo mandato depois de uma campanha eleitoral bastante polarizada (“Sugestões para o ministério de Dilma”, “Robin Hood às avessas”, “Dilma, Vargas e o Zepelim”, p. 102-104), mas não é menos verdade que o dirigente do MTST permaneça cedendo às pressões do governismo. Com efeito, pode-se perceber que Boulos permanece no campo do governo, pois compareceu a eventos com Dilma depois da indicação de Joaquim Levy, Kátia Abreu, Armando Monteiro e, principalmente, Gilberto Kassab para o ministério

(“Indicar Kassab é brincar com fogo”, p. 50-52), quando o governo esteve nas cordas ante a ofensiva pró-impeachment.

Por conta disso, quando da campanha eleitoral, no artigo “O neoliberalismo saiu do armário”, Boulos criticou a reabilitação do ex-presidente do Banco Central dos tempos de FHC, Armínio Fraga, cotado para assumir o ministério da Fazenda de Aécio Neves. Sobre o banqueiro, de triste memória para os trabalhadores brasileiros, o dirigente do MTST escreveu, acerca de uma entrevista que aquele concedeu à *Folha*: “[Fraga] deixou claro que gostaria de rever as regras do seguro-desemprego, aumentar a idade mínima para a aposentadoria e dificultar a concessão de pensões” (p. 74-75). Tempos depois, foi justamente Dilma Rousseff e o seu então ministro da Fazenda, Joaquim Levy, que praticaram, sobre os trabalhadores, os atendados denunciados por Boulos, mas a resposta deste não foi a ruptura com o governo. Embora partisse para denunciar a “virada à direita” do governo Dilma, Boulos seguiu hesitante, preferindo defender o governo diante da “onda conservadora” e da “ofensiva da direita”, vindo a criar, com outras entidades, a “Frente do Povo sem Medo”, se negando a compor com a oposição de esquerda a unidade de ação contra o governo e a velha direita.

Apesar das muitas hesitações, sabemos o lado de Boulos. Este fica claro como artigo publicado na FSP em 3 de março de 2015, em que o líder do MTST concluiu que em 2015, “foram-se os anéis” e agora “[o]s dedos tiveram, um a um, sua entrega anunciada”, referindo-se ao leilão do pré-sal, à reforma da previdência prevista pelo governo federal e à reforma fiscal encaminhada ao Congresso, que vão muito além do que foram capazes de fazer os governos da direita. Seria este o anúncio da ruptura definitiva com o governo Dilma? Confirmada esta expectativa, será possível esperar por uma próxima coletânea de artigos de um Guilherme Boulos de tom verdadeiramente independente do governo do Partido dos Trabalhadores, aliado apenas dos trabalhadores do campo e da cidade no Brasil.

Referências bibliográficas

BOULOS, G. Foram-se os anéis, vão-se os dedos. *Folha de S. Paulo*, 3 mar. 2016. Disponível em: <http://bit.ly/1T8a4Un>

REVISTA FÓRUM. Gilmar Mendes processa Guilherme Boulos após críticas em
Jornal. *Revista Fórum*, 26 set. 2015. Disponível em: <http://bit.ly/1SjWaMF>